



## **ENTRE A HISTÓRIA PÚBLICA E A HISTÓRIA ESCOLAR: AS REDES SOCIAIS E APRENDIZAGEM HISTÓRICA**

Sílvia Ricardo Gouveia Cadena\*

Este trabalho faz parte de pesquisa ainda em desenvolvimento realizada no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Desta maneira, o presente texto visa por abordar de maneira sintética alguns dos seus principais aspectos, sobretudo a relação entre a História Pública e a Escolar a partir da coleta de memes em páginas do Facebook, com o recorte temático cronológico do Brasil enquanto colônia lusitana, buscando verificar de que forma este material mobiliza o passado de modo a responder a questões de nossa contemporaneidade.

Paulo Freire (2003) preconizava a necessidade de uma educação que levasse em conta os conhecimentos prévios dos alunos. Por sua visão, a relação professor aluno não poderia ser entendida como a doação daqueles que detém o saber, para aqueles que nada sabem. O autor considera desta forma que os alunos são sujeitos ativos de aprendizagem e carregam consigo uma identidade, experiência de vida e saberes que os fazem interpretar a realidade.

*Somente uma escola centrada democraticamente no seu educando e na sua comunidade local, vivendo as suas circunstâncias, integrada com seus problemas, levará os seus estudantes a uma nova postura diante dos problemas de contexto.*  
(FREIRE, 2003: 85)

A partir disto, compreendemos que para o entendimento das realidades experimentadas pelo corpo discente, passamos necessariamente por buscar entender o universo vivenciado por crianças e adolescentes neste século XXI. Assim, reconhecer o Ciberespaço como espaço de vivência e de acesso à informações utilizados por seus alunos é algo de extrema importância.

Segundo Débora Zanini (2016), inicialmente, o Ciberespaço era tido como algo distante do real, daí a utilização do termo virtual. As pessoas se programavam para acessar este espaço, deixando de lado sua vida real para adentrar em um espaço “independente”. Hoje, diante do que a autora chama de *Web 2.0*, a internet passa a fazer parte do cotidiano das pessoas por meio de vários dispositivos, mesmo que elas não atentem para tal fato. O Ciberespaço passa a

---

\* Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Mestrando em História, bolsista CAPES.



ir além de um local onde se dão trocas de informações mediadas por computadores. “Neste novo espaço os homens passam a criar conexões e relacionamentos capazes de fundar um

espaço de sociabilidade” (ZANINI, 2016: 166). Desta maneira, ainda segundo a autora, nasceria um novo tipo de cultura, a Cibercultura. Segundo Bruno Pessi (2015: 936), a Cibercultura colocaria uma contradição entre escola e os alunos. A internet possibilitaria um espaço onde os jovens criam sua própria identidade, se relacionam com outros e buscam por atender suas demandas de forma coletiva. Já a escola passa a ser vista como um espaço entediante e atrasado. Além disto, por meio desta tecnologia, eles regulariam suas relações sociais e podem gerir o conhecimento de acordo com seu currículo de interesse. O fator Internet dentro da cultura juvenil faz com que a deixemos de vê-la apenas como uma ferramenta de aprendizagem nas salas de aula. O autor ainda afirma que o entendimento acerca da cultura digital assume caráter comportamental, já que é capaz de estabelecer e alterar normas e valores. Para ele, a Internet não pode ser concebida sobre um prisma de segundo plano para a aprendizagem. Ela estaria lado a lado no âmbito da aprendizagem, possibilitando desenvolvimento na esfera acadêmica e social.

Segundo Jaime e Carla Pinsky (2016: 17), todavia, cabe aos docentes adotarem alguns cuidados em nossos dias. Ocorrendo muitas vezes, nas salas de aula, a substituição do pensamento analítico por meros “achismos”, troca-se a verificação bibliográfica por informações rasas de alguns *sites* que terminam por substituir os livros.

Pessi (2015: 939) compartilha dessa visão ao falar que o fato de vivermos em uma “sociedade da informação”, onde a velocidade é a tônica, nos tornaríamos consumidores on-line de conteúdos. Entretanto, como paradoxo, pouco nos aprofundaríamos em leituras. Teríamos a falsa impressão de que saberíamos de tudo. Este tipo de atitude também estaria acontecendo com os jovens, sendo comum que muitas vezes compartilhem uma informação sem ao menos ter lido a matéria ou visto o vídeo de forma integral.

Os achismos apontados por Jaime e Carla Pinsky (2016), tão presentes em sala de aula, encontra ressonância no comportamento de muitos jovens nas redes sociais, como aponta Pessi (2015: 940). Na internet e sobretudo nas redes sociais, todos têm acesso a expor suas opiniões e em alguns momentos é possível verificar difusões de preconceitos, intolerância e ideias conservadoras. Isto ocorreria, segundo o autor, por uma equivocada ideia de liberdade de expressão e sobre a falta de conhecimento acerca de algumas temáticas. Desta forma, podemos inferir que a utilização do Ciberespaço deva resultar em praticas pedagógicas relevantes para a vivência em sociedade. Assim sendo, estando os memes inseridos nesta

Cibercultura, sendo visualizados e muitas vezes compartilhados pelos discentes, eles merecem nossa atenção como educadores e historiadores.

“A Casa Grande surta quando a Senzala aprende a ler”. Tal frase postada e viralizada nas redes sociais durante o processo de impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, ou memes que fazem analogia entre o período da escravidão e a reforma da previdência nos trazem uma grande reflexão acerca das permanências de nosso passado colonial sobre nossos dias e trazem questões relevantes para a discussão em sala de aula. Jannotti (1997: 47) ao falar das possibilidades despolitizadoras da Nova História francesa no ensino de História, reforça a ideia de quanto o estudo deste período é fundamental para compreender a realidade brasileira atual e, sobretudo, a contundência política que este assunto potencialmente carrega.

*[...] Por exemplo, Os descobrimentos marítimos e a colonização dos sécs. XV e XVI, considerados por muitos um tema antiquado e mesmo reacionários, podem ser vistos tanto pelo antigo como pelo novo discurso histórico desproblematizado e de forma apolítica, em nada contribuindo para vincular nossa vida presente à visão crítica do passado. No entanto, não é possível ignorar acontecimentos em que se encontram as raízes da nossa sociedade tradicional tão resistente às mudanças, da noção arraigada de um Estado patrimonialista, dos preconceitos raciais e da desvalorização do trabalho manual. Como explicar, sem os subsídios do passado vivido, a persistência no poder de classes sociais – plásticas o suficiente para cooptar novos membros oriundos de setores sociais, até então não participantes – antes de tudo conservadoras e corporativistas, como se ainda estivéssemos na época dos “homens bons” que integravam as câmaras municipais da colônia[...]*  
(JANOTTI, 1997: 47)

## O QUE SÃO MEMES?

Memes. Constantemente ouvimos falar e o vemos. Mais do que isso, provavelmente o compartilhamos via Facebook, Whatsapp, Twitter etc. O que talvez poucos saibam realmente, é que o termo foi cunhado pelo britânico Richard Dawkins, em “O Gene Egoísta”, em 1976. O cerne de seu trabalho está em comparar a evolução cultural com a evolução genética. Segundo o autor (2001: 122), assumidamente darwinista, propõe que o gene deixe de ser a única base de ideias deste campo para a compreensão da evolução.

Para melhor ilustrar seu conceito, Dawkins (2001: 123) afirma que seriam exemplos de memes as “melodias, ideias, "slogans", modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos”. Da mesma forma que o os genes se propagariam de corpos para corpos via espermatozoides e óvulos, os memes se multiplicariam de cérebro para cérebro por meio do processo amplo da imitação. Ainda, o autor salienta que os memes operam de forma

independente aos genes. Ou seja, uma determinada ideia poderá ir de encontro à perpetuação do gene. Como exemplo, podemos falar da ideia de não ter filhos.

Susan Blackmore (2000: 90), em “A Máquina de memes” (tradução livre), afirma que se compreendemos que os memes são transmitidos por imitação, qualquer coisa que passe por isto é um meme. A autora sustenta a ideia de que por serem replicantes, os memes não atuam em benefício dos genes, da espécie, nem tampouco do indivíduo. Eles atuariam por vontade própria. Para a autora, seria ilusória a constituição *self*. Somos seres formados por vários memes e afirma:

*Mas não existe dentro um real self que vive a nossa vida? Não existe um real “eu” que toma minhas decisões e possui os meus credos? Não existe um real self que tem consciência e livre arbítrio? Diria que não. O self é justamente uma palavra em torno da qual os memes podem girar. Todos os memes beneficiam-se do fato que os humanos têm uma falsa idéia de “si mesmo”. Assim esse conceito é justamente um complicado memplexo, criado por e para os próprios memplexos, para a sua projeção e replicação. (BLACKMORE, 2002)*

Diante do ponto de vista apresentado pelos autores anteriormente citados, consideramos tal perspectiva como uma pretensão axiomática. Ressaltamos que a utilização do conceito de meme neste trabalho não reitera a concepção que coloca os sujeitos como meros suportes. Se aceitássemos, estaríamos indo de encontro a História enquanto ciência, que tem como objeto o estudo do homem no tempo. É nosso entendimento a autodeterminação dos sujeitos e sua capacidade de produzir história.

Como o meme passou a fazer parte do cotidiano das redes sociais, alguns pesquisadores passaram a investigá-los e propor classificações. Limor Shifman (2014: 173) aponta os memes de internet como um fenômeno de linguagem e através deles se poderiam compartilhar ideias complexas por meio de imagens e frases simples. De forma diferente do autor que cunhou o termo, Dawkins, a autora entende os memes não como unidades únicas, mas sim como grupo de características semelhantes. Na sua perspectiva haveria uma diferença entre os memes e os memes de internet. Para ela, o segundo tipo é criado a partir de uma consciência mútua, ou seja, “a pessoa que publica a imagem "gato com legenda" se baseia nos gatos anteriores da série”. Além disto, indica o processo de modificações feitos por outros usuários, a medida que as imagens são “copiadas”.(SHIFMAN, 2014: 177).

O olhar da autora restringe a ideia de meme ao separá-lo do conceito original. Entretanto, não negamos que a criação de alguns memes são elaborados por uma consciência mútua e que, muitas vezes, há um processo de modificação de determinado meme por outros usuários.

Todavia, Shifman acaba por reduzir os memes de internet apenas aqueles em que ocorrem sobre as circunstâncias por ela apontadas. Sua perspectiva é que o processo de evolução de um determinado meme seja mensurável por meio de suas reinterpretações materializadas em imagens e textos. Mas desconsidera que reinterpretações surgem independentemente de uma transformação materializada. Materiais que não são criados a partir de uma consciência mútua e que não sofreriam modificações ao longo de sua circularidade na web não seriam “memes de internet”? Compreendemos o intento da autora em ressaltar a especificidade de linguagem dos memes “nativos” do mundo digital. Mas, em nosso entendimento, o olhar da autora é restritivo. Nega-se, desta forma, outras linguagens, como caricaturas e tirinhas que foram incorporadas a internet de forma notável e capazes de se adaptarem a esta linguagem mais sintética e de apelo visual exigida pelo meio. Como exemplo, estão as tirinhas do personagem Armandinho<sup>1</sup>, criado por Alexandre Beck. Além disto, o que Shifman concebe como “meme de internet” são mistos de várias outras linguagens. Isolá-los é não reconhecer a multiplicidade delas e como são possíveis de se imbricarem na web. Uma notável ilustração desta fusão são os chamados memes *Rage Comics*<sup>2</sup>, caracterizado por usarem desenhos de traços simples e que contavam historinhas, através de quadrinhos, onde os personagens eram levados a terem raiva e se utilizavam da linguagem de quadrinhos.

Segundo Marcuschi (2003(?): 2) afirma que com a criação de novas tecnologias, principalmente no que diz respeito às voltadas para a área da comunicação, acabaram-se por fazer surgir novos gêneros textuais. Entretanto, ressalta que não seriam propriamente as tecnologias que dariam origem aos gêneros, mas sim o nível de intensidade e usos destas que passam a interferir nos hábitos comunicacionais do dia a dia. Além disto, notabiliza o fato de que estes gêneros não seriam uma criação totalmente nova, elas teriam origem em outros já existentes. “A tecnologia favorece o surgimento de formas inovadoras, mas não absolutamente novas” (MARCUSCHI, 2003(?): 2).

A partir das definições de Shifman para o que seria um meme “nativo” de internet, os pesquisadores Thot e Chagas (2016: 217) apresentam formas de classificação para estes memes, propondo a classificação a partir de três tipos básicos: Memes persuasivos, memes de ação coletiva e memes de discussão pública. O primeiro tipo carregaria a função de uma peça publicitária, tendo efeitos similares a de um *jingle* ou *slogan*, algo próximo a um grande hit da

---

<sup>1</sup> As tirinhas deste personagem podem ser visualizadas em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>

<sup>2</sup> No Museu dos Memes há uma área acerca destes. Confira em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/rage-comics/>

indústria cultural. A retórica de convencimento seria o seu forte. Estas peças seriam replicadas de forma a sofrer pequenas alterações. Já o segundo, caracteriza-se por ações coletivas sejam elas espontâneas ou não. “São flashmobs, “manias”, ou “Desafio do Balde de Gelo”. Há nesta categoria a necessidade de interações simples e realizadas em conjunto. Tem um conteúdo capaz de ser reapropriado pelos usuários. O terceiro seriam os memes de discussão pública. Normalmente apresentam montagens e visuais amadores. Sua finalidade é crítica e/ou irônica. Seu conteúdo é reapropriado e circularia em vários grupos sociais.

Até encontramos memes que guardavam similaridades e que se encaixariam parcialmente nas prerrogativas taxonômicas de Chagas e Thor (2016). Entretanto, nem todo nosso material guarda todos os pré-requisitos que o fizessem encaixar em apenas um tipo específico, principalmente no que se refere a sua reapropriação materializada.

Todavia, ao utilizar o conceito de memes de internet neste trabalho, não iremos nos restringir aqueles que seguem os pressupostos de Shifman, ou seja, os “nativos” da era digital. Assim, trabalharemos com um contexto ampliado de memes de internet. Consideraremos imagens estáticas associadas a textos ou não, ou o texto em formato de imagem (gif, png, jpeg) que foram produzidas e circuladas em redes sociais, como por exemplo, caricaturas, charges e tirinhas, sejam eles dotados de humor ou não. A prerrogativa do humor, por sinal, não é necessária para que algo venha a ser compreendido como um meme, como apontam Souza e Aragão (2016: 7) ao analisar peças meméticas reproduzidas no jornal o Estadão. Chagas (2016: 28) ao trabalhar com a análise de peças de campanhas políticas, faz-se entender que o uso do teor cômico também não é entendido como pré-requisito para que determinada imagem venha a ser um meme. O pressuposto para isto estaria na apropriação das audiências a que se destinam.

Marcuschi (2003(?): 2) afirma que os Gêneros textuais se caracterizam por aspectos sócio-comunicativos, todavia informa que aspectos formais, estruturais ou linguísticos não devem desprezar a forma. “em muitos casos são as formas que determinam o gênero e, em outros tantos serão as funções. Contudo, haverá casos em que será o próprio suporte ou o ambiente em que os textos aparecem que determinam o gênero presente” (MARCUSCHI, 2003(?): 2). Desta maneira, consideramos que as funções, o suporte e o ambiente nos possibilita e alicerça nossa visão mais ampliada do que vem a ser um meme de internet. Afinal, tais imagens teriam função de serem replicadas por meio de compartilhamentos na rede social Facebook.

Outro motivo para não adotar determinadas classificações, reside no fato de que não é nosso objetivo principal analisar a evolução de determinados memes nas redes sociais, daí o fato de não adotarmos as propostas taxonômicas anteriormente apresentadas por alguns autores. Além disto, os enquadramentos sugeridos em relação ao tipo de conteúdo se mostraram rígidos e distantes, não pertencentes aos propósitos desta pesquisa. Nosso foco está em analisa-los como uma fonte histórica provida de narrativa contemporânea e utilizadora do passado, o que não significa negar as características intrínsecas a materiais que circulam na web, tendo em vista e seu forte caráter disseminador de ideias e a velocidade de suas multiplicações.

### **MEMES COMO FONTES HISTÓRICAS E FERRAMENTA DIDÁTICA**

Maria de Lourdes Jannotti (2005: 10), ao responder o que são fontes históricas afirma: “A resposta está no interesse do historiador em inquirir o que essas coisas revelam sobre as sociedades às quais elas pertencem e na criação de uma narrativa explicativa sobre o resultado de suas análises”. E, segundo a autora, o conceito de fonte atende aos interesses dos historiadores e estes variam de acordo com o tempo e local, além de possuir relação com suas trajetórias de vida e sua cultura.

Desta modo, os memes podem ser compreendidos como fontes, tendo em vista que por meio deles poderemos acessar as formas como o passado está sendo mobilizado para atender as resposta contemporâneas. Segundo Costa e Mendes (2016: 55), os memes não nasceram na cultura digital, baseando-se desta forma no conceito de Dawkins. Entretanto, atenta para o fato de sua formulação em formato digital como sendo algo atual e que ainda existiria uma carência bibliográfica a respeito deste assunto.

Outro ponto que contribui para a importância de se compreender os memes como fontes, está no fato de dialogarem com a História pública, como demonstra as autoras (2016: 56). Segundo elas, os memes seriam uma forma de propagação do saber histórico para um público mais amplo. E sublinham que a História Pública não se restringe aos profissionais de História, havendo uma interdisciplinaridade de distintos especialistas. Deve-se levar em consideração ao analisar os memes, que estes não são oriundos do conhecimento acadêmico, desta maneira não teriam a responsabilidade de obedecer teorias e metodologias próprias da ciência Histórica. Além disto, Costa e Mendes (2016: 2) afirmam que estas produções miméticas digitais, bem como outras mídias atendem demandas da sociedade civil e não necessariamente da academia. No entendimento delas, estas mídias são “formadoras de "recepções" do tema e que o movimento é fluido, pois a demanda popular é essencial para a produção dessas obras”.



Para as mesmas, as produções Historiográficas, presas aos muros acadêmicos, não dariam conta de atender as necessidades de conhecimento histórico das mais distintas esferas da sociedade. Assim, caberia ao historiador repensar sua função e estabelecer de diálogos com outras fontes. Devendo-se considerar que o saber destas fontes se apropria da História por meio de diferentes linguagens, como a dos memes históricos.

Gostaríamos de chamar atenção que o tratamento dado ao meme como fonte para História não se restringe a questão acadêmica. Segundo Oliveira (2010: 11), a produção do conhecimento científico em História serve como referência para a construção do conhecimento histórico escolar. “Dialoga-se com o tempo por meio das fontes (utiliza-se o livro didático, mapas, imagens, músicas, documentos); Utilizam-se instrumentos teóricos e metodológicos (conceitos, formas de proceder);”. A autora ainda explica que:

*[...]Suas particularidades justificam sua necessidade como saber específico, que dialoga com um código disciplinar construído pela tradição escolar. Além disso, posto que esse saber tem objetivos e públicos específicos, será conduzido coerentemente com essa realidade. Se assim não for, haverá grandes chances de insucesso [...]* (OLIVEIRA, 2010: 11)

Anteriormente, conceituamos qual o entendimento de meme neste trabalho. Agora, neste ponto, partiremos em busca de melhor definir o que é um meme histórico. Segundo Makhortykh (2015: 64), os memes podem ser tidos como históricos quando “são explicitamente relacionados a um evento ou a uma personalidade histórica particular, e geralmente se referem a práticas de memória existentes, satirizando-as, fortalecendo-as ou propagando-as online”. Tal definição não está distante da nossa a partir do que encontramos em nosso levantamento. Entretanto, a fim de melhor defini-los, nos valem de uma adaptação da proposta de Napolitano (2005: 246) para o que viria a ser um filme histórico. Desta maneira, a relação meme e História partem de três proposições básicas: 1) A relação passado, presente e futuro, 2) a compreensão de que os memes se originam de um saber histórico de base (embora não acadêmico). 3) a problematização da narração memética da História. Cremos que nossa proposição do que vem a ser um meme histórico pode ser utilizada como um instrumental para docentes que pretendem utilizar tais peças em suas aulas seja no Ensino Fundamental, ou no Médio.

A primeira proposição trata da relação temporal. Os memes históricos são confeccionados e circulados na web a partir do presente e representam o passado a partir de datas, fatos e/ou personagens históricos. Neste sentido, podemos verificar três distintos gêneros de memes históricos, em que pese o seu grau de problematização temporal, ou seja, sua capacidade de

articular passado e presente na busca por evidenciar rupturas e/ou permanências. O primeiro gênero trata de memes que utilizam o passado de forma a apenas brincar com o presente, sendo estes de menor grau de problematização explícita. Podendo ser utilizados para o famoso “quebrar o gelo” nas aulas. Já o segundo, os de médio grau, possuem um caráter informativo mais evidente, passando informações sobre eventos e/ou personagens históricos. Entretanto, não apresentam problematizações mais explícitas. Nos memes do terceiro gênero, a História tende a ser evidenciada como processo e/ou questionam o *status quo*. Desta maneira, compreendemos que aqueles do último gênero encontrado, carreguem consigo maior significância para as aulas de História, pois tendem a trazer problemáticas muitas vezes experimentadas pelos discentes ou questões sociais de grande relevância para o presente. Como exemplo, podemos visualizar o meme abaixo. Nele, de forma sintética, podemos verificar a história enquanto processo, ressaltando-se a questão do trabalho e sua precarização. Além disto, vale destacar, que a imagem do terceirizado é de um negro, assim como a do escravizado. Evidenciando o quanto a marca da escravidão desdobra-se no desenvolvimento do preconceito racial e como a população negra passou a ficar a margem da sociedade, ocupando cargos de menor importância/remuneração no mercado de trabalho.

Figura 01 – Escravidão/Terceirização



<<https://www.facebook.com/jotacameloooficial/photos/a.314157345438919.1073741830.313635332157787/694984324022884/?type=3&theater>>. Acesso em 12 de dez. 2016

A segunda proposição trata da compreensão de que os memes não criam o saber histórico acadêmico, mas sim se originam de um saber histórico de base. Eles se apropriam, dão sentido e reforçam determinadas ideias. Nesta linguagem, diferentemente da científica, o anacronismo pode se fazer presente, e tal fato pode e deve ser problematizado pelo professor com sua turma. O meme histórico é produzido socialmente e carregam consigo significados para um amplo público, tendo em vista o alto grau de adesão das redes sociais e blogs. Tal perspectiva deve ser explorada pelo docente ao levar os memes para sua sala. É importante

que os alunos compreendam que estas peças não carregam a realidade consigo e que tratam-se de leituras a partir da História ou da memória de certos grupos e indivíduos.

A terceira proposição trata da problematização da narrativa memética, considerando-se o conflito entre o que é representado nestes memes e a historiografia, seja acadêmica ou escolar. Tal qual os memes, deve-se salientar que a História enquanto ciência produz narrativas. Entretanto tem compromisso com a busca “de efeito de realidade/verdade” (NAPOLITANO, 2005: 246).

### **COMO O PASSADO TEM SIDO MOBILIZADO NOS MEMES**

Tendo em vista a coleta de memes históricos a partir de nosso recorte temático/temporal sobre o Brasil colônia, optamos por realizar nossa pesquisa na rede social Facebook. Haja vista que tal rede, segundo o portal estatístico britânico<sup>3</sup>, Estatista, baseado em dados de até abril de 2017, o Facebook seria a rede social mais popular do mundo, contando com 1,97 bilhões de usuários ativos mensais. Ainda segundo o mesmo portal, neste mesmo período, o Brasil ocuparia o 3º lugar no ranking dos países com mais contas ativas nesta rede social, com 193 milhões de usuários, perdendo apenas para Estados Unidos e Índia, consecutivamente<sup>4</sup>.

Desta forma, realizamos uma pesquisa por páginas de conteúdos históricos ou aquelas as quais as postagens fizessem clara referência a História, o que nos apontou também para páginas de teor notadamente político. Assim, foram pesquisadas aquelas que se declaravam como de direita ou esquerda. O período de coleta se deu entre dezembro de 2016 e março de 2017, o que não se pode concluir que suas publicações não tivessem ocorrido em períodos anteriores. Nossa varredura se deu a partir de publicações de janeiro de 2014 a março de 2017. A ideia deste período consiste em refletir as questões políticas que, a partir deste ano inicial proposto, tornaram-se mais evidentes. Foi pesquisado um total de 19 páginas<sup>5</sup> na rede social, com o total de curtidas de 1.240.294,57 (este alto número se dá pelo fato de que um dado indivíduo pode curtir várias páginas), o que mostra um grande potencial de alcance. Além disto, estas páginas somam um montante de mais de 25 mil imagens em suas fotos da

<sup>3</sup>Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>> acessado em: 10 maio 2017.

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/268136/top-15-countries-based-on-number-of-facebook-users/>> acessado em: 10 maio 2017.

<sup>5</sup> Páginas de teor Histórico: Compartilhando História, História Animada, História no Paint, História do Brasil, Memes Históricos, História & Historiografia Brasil e Se liga nessa História.

Páginas tidas como de direita: Eu sou de Direita, Jovens de Direita, Direita Brasil, Eu era Direita e não sabia e Canal da Direita.

Páginas compreendidas como de Esquerda: Inca Venusiano, Histórias da Esquerda, Afroguerrilha, Jovens de Esquerda, Jovens reacionários defensores da liberdade combatendo o mal, Menes de Esquerda e Cartunfólio.

Linha do Tempo. Vale salientar que estes totais de imagens e curtidas podem ter sido facilmente ampliados da data em que pesquisamos até o presente momento, tendo em vista a velocidade em que a produção de conteúdo e circulação se dá neste espaço. Neste levantamento foram colhidos 148 memes<sup>6</sup>.

Uma questão que vale ser levantada ao se trabalhar com materiais da *web* consiste no desaparecimento de páginas e com isso muito de seus conteúdos. Algo verificado nesta pesquisa quanto a página Jovens de esquerda, a qual aparentemente está sobre novo comando e que de algum modo resolveu apagar alguns memes que tínhamos selecionado para este trabalho, de forma que perdemos seus endereços eletrônicos. Se por um lado temos o grande desenvolvimento de materiais circulando, por outro, contamos com o movediço, com a efemeridade das fontes.

Nas páginas tidas como de conteúdo histórico, os memes relativos ao período do Brasil enquanto colônia portuguesa representam 58,10% do total de 148 peças colhidas. Por terem finalidade de abordarem conteúdos históricos, justifica-se este percentual diante de nosso recorte, embora possuam um montante de imagens na linha do tempo inferior as das páginas de perfis de esquerda e de direita. A maior parte das páginas selecionadas tem como função o humor, o entretenimento e a diversão, sendo estas a que mais detêm curtidas. Desta maneira, talvez possamos inferir que esta é uma possível tônica sobre a forma com qual a História é tratada nas redes sociais, mesmo que estejamos falando acerca dos memes e já presumível teor cômico, haja vista que até páginas com funções educativas, artes e humanidades e comunidade se utilizam do apelo que estas peças possuem.

Segundo Fagundes (2014: 18), a História vive um paradoxo. Por um lado experimenta a descrença de sua utilidade no senso comum brasileiro, chegando até mesmo ao desaparecimento em algumas instituições de Ensino Superior. Por outro, a História tem ocupado outros espaços que não o escolar e o acadêmico, havendo uma demanda mercadológica pela “História espetáculo”, não sendo a toa os *best sellers* e filmes que contemplam temáticas históricas e obtêm rentabilidade. Assim, o sucesso de páginas com conteúdos históricos não podem ser meramente atribuídas a questão do humor contido nos memes, antes de tudo devemos atentar para a carência do conhecimento histórico e suas novas formas de se manifestarem.

---

<sup>6</sup> Estes memes estão datados e com nome de suas páginas de referência. Além disto, constam-se os links de cada uma delas. Para acessar, basta entrar na pasta digital:  
<https://drive.google.com/open?id=0B7MdIUOUoKicYXZGVHl4eW1rTWc>

Engana-se aquele que acha que por tratar-se de memes e o uso do humor tais páginas ofereceriam apenas diversão e entretenimento, ou até mesmo por como as próprias aludem ser sua função. Do total dos 86 memes relativos a nossa história colonial, 31 deles podem ser classificados como do gênero de alto grau de problematização, 36 como de médio grau e 19, a menor parte, como de baixo teor problematizante. Tal resultado mostra que os memes históricos coloniais estariam longe de ser uma mera brincadeira nas redes sociais que mobilizam o passado para conseguir curtidas e compartilhamentos de forma acrítica. Todavia, cabe ressaltarmos o momento político experimentado, o que acaba por interferir neste nível de criticidade dos memes.

Foram pesquisadas cinco páginas que se autointitulavam como de direita. De antemão cabe ressaltarmos nossa dificuldade em achar memes históricos que tratassem do período colonial brasileiro. Do conjunto de páginas investigadas neste trabalho, as de direita são a que somam o maior número de curtidas e a que mais produzem imagens. Entretanto, apenas 8,78% dos seus memes fazem referência ao nosso recorte temático/temporal. O foco das publicações expostas nestas páginas é majoritariamente ligado a questões políticas da contemporaneidade com forte teor conservador e nacionalista. O combate ao comunismo e ao petismo são uma de suas marcas. Há nestas páginas a reincidência de apoio ao deputado federal Jair Bolsonaro para ocupar o cargo máximo do executivo como um grande salvador da pátria, chegando a ganhar ares de herói nacional. Bolsonaro, para estes usuários, encarnaria a volta dos valores morais da “família tradicional brasileira”, perdidos durante o “governo comunista” dos últimos anos.

Durante a busca por memes históricos de teor colonial foi possível perceber pouquíssimos exemplos. Quando estas páginas recorrem ao passado, tendem a valorizar o período do Brasil império, tendo em vista a defesa da monarquia e do nacionalismo, tornando este período como exemplar para o país. Neste sentido, estas páginas tendem a utilizar o passado como régua, como o ideal a ser alcançado. A defesa da volta à monarquia e por seguinte do Império, não faz com que a mentalidade apresentada nestas páginas seja distinta da colonial. Muito pelo contrário, haja vista a defesa do *establishment* e de uma moral altamente excludente.

Os poucos memes históricos compreendidos como coloniais selecionados nesta página foram classificados como de alto teor de problematização, o que não quer dizer tais memes carreguem verdades ou que muito menos devam servir como pensamento a ser seguido. Na

realidade, tais memes precisam ser debatidos em sala no sentido de sua desconstrução a partir da História e critérios de razoabilidade.

A fim de manter um certo grau de equilíbrio com as páginas de direita, tendo em vista sua grande quantidade de conteúdo, foram pesquisadas sete páginas de que se intitulavam como de esquerda ou que suas publicações, em grande parte guardassem este perfil, como as páginas Inca Venusino, Afroguerrilha, Jovens reacionários defensores da liberdade combatendo o mal. Outra forma de enquadrá-las neste espectro político está no diálogo que seu conteúdo estabelece com páginas auto proclamadas de esquerda, como a questão da defesa das minorias. Ou, em último caso, na contraposição aos assuntos abordados naquelas de caráter à direita. Nas páginas de esquerda foi possível coletar 33,10% do nosso total de 148 memes com o nosso recorte temático/cronológico. O período colonial é utilizado de forma a apontar suas permanências na atualidade, como a questão das sequelas da escravidão ou do genocídio indígena. Além disto, mobilizam este pretérito de forma a fazer analogias com contemporaneidade, sobretudo diante de situações políticas como a terceirização, reforma da previdência, reforma trabalhista, etc.

As temáticas de maior recorrência foram as relativas à escravidão, com 50 memes, personagens históricos, somando 42 e Indígenas, com 27. E neste momento do texto, diante das limitações espaciais de um artigo, trataremos tais temáticas que foram apresentadas nos memes de forma mais generalizada.

De maneira geral, ao tratar a escravidão, a maior parte dos memes, mesmo que apontando para as consequências perversas deste processo no passado e no presente e assim já carregar consigo uma resistência a questões vivenciadas atualmente, tendem a não mostrá-las durante o período colonial. A revolta dos escravizados no Engenho de Santana de Ilhéus, na Bahia, em 1789, por exemplo, não é apresentado por nenhum meme. Por sinal, revoltas de caráter popular estão ausentes nestes memes. As únicas presentes são aquelas surgidas por uma classe média ascendente, como a do Recife na Guerra dos Mascates ou a Inconfidência Mineira, esta, com forte raízes elitistas.

Em sua maior parte, os memes, ao retratarem os indígenas, os mostram como passivos ante a colonização e de forma genérica. Já a maior parte dos personagens históricos apresentados são aqueles que comumente constam no *hall* da historiografia tradicional, como heróis da pátria. São brancos e do sexo masculino, sendo Tiradentes e Dom Pedro I aqueles com maior índice de recorrência.

Diante do exposto acerca dos memes históricos coletados, referentes ao nosso período colonial, não fica difícil inferir que a História que vem sendo publicada na rede social Facebook, apesar de distintas apropriações por diferentes grupos e indivíduos, não ficam distantes em alguns aspectos daquilo que é visto em muitos livros didáticos e pela historiografia compreendida como de teor tradicional.

## REFERÊNCIAS

BLACKMORE, Susan. **La máquina de los memes**. Barcelona: Paidós, 2000.

\_\_\_\_\_. **A evolução das máquinas de memes**. (2002). Disponível em: <<http://www.susanblackmore.co.uk/Conferences/OntopsychPort.htm>>. acesso em 20 de mai. 2017

CHAGAS, Viktor. A febre dos memes de política. In: **Encontro Anual da Anpocs**, 2016, Caxambu. Anais Anais do 40º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu: ISSN 2177-3092, 2016. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro/st-10/st17-8/10320-a-febre-dos-memes-de-politica/file/>> Acessado em 07 dez 2016

DAWKINS, Richard. **O Gene Egoísta**. (1979) Coleção O Homem e a Ciência, volume 7. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

COSTA, M. A. F. ; MENDES, C. A. M. . O sequestro do imaginário e a escrita da História: o caso dos memes históricos e as recepções do nazismo. Revista **Transversos** , v. 7, p. 54-70,2016

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra, É Possível fazer tábula rasa do passado... E do presente dos historiadores?. In:DELGADO, Lucila de Almeida Neves, FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org). **História do Tempo Presente**. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV.2014

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cortez. 2003

JANOTTI, Maria de Lourdes. História Política e Ensino. In: BITTENCOURT, Circe (Org). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_. O livro Fontes Históricas como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAKHORTYKH, M. Everything for the Lulz: historical memes and World War II memory on Lurkomor'e. **Digital Icons: Studies in Russian, Eurasian and Central European New Media**,13, 2015

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**, 2003(?). Disponível em: <  
[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod\\_resource/content/3/Art\\_Marcuschi\\_G%C3%AAneros\\_textuais\\_defini%C3%A7%C3%B5es\\_funcionalidade.pdf/](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/133018/mod_resource/content/3/Art_Marcuschi_G%C3%AAneros_textuais_defini%C3%A7%C3%B5es_funcionalidade.pdf/)>. Acesso em: 24 de maio 2017.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes Audiovisuais: A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. Introdução: A História nas salas de aulas brasileiras. In: História: ensino fundamental/ Coordenação Margarida Maria Dias de Oliveira. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 212 p.: il.(**Coleção Explorando o Ensino** ; v. 21)

PESSI, Bruno S.. O uso de Internet no aprendizado de História: possibilidades e dificuldades. In **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, num.3, vol.2, jul/dez. 2015

PINSKY, Jaime; PINSKY Carla Bassanezi. Por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2004, p. 17 - 36.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Massachusetts: MIT Press, 2014

SOUZA, Ivson, ARAGÃO, Rodrigo Martins. Onde a zoeira encontra seu limite: uma análise do uso de memes no jornalismo do Estadão. In: **XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, Caruaru, 2016.

THOT, Janderson, MENDES, Viktor Chagas. Monitorando memes em mídias sociais. In: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (Orgs.). **Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016. 364p; il.; 14,8x21cm

ZANINI, Débora. Etnografia em mídias sociais. In: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (Orgs.).**Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016. 364p; il.; 14,8x21cm